



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CERRO LARGO/RS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: PORTUGUÊS E ESPANHOL -
LICENCIATURA

JEAN MARCOS SILVA AJALA

O FESTIVAL CALIFÓRNIA DA CANÇÃO NATIVA E A CONSTITUIÇÃO DO
SUJEITO GAÚCHO NATIVISTA

CERRO LARGO/RS

2020

JEAN MARCOS SILVA AJALA

**O FESTIVAL CALIFÓRNIA DA CANÇÃO NATIVA E A CONSTITUIÇÃO DO
SUJEITO GAÚCHO NATIVISTA**

Trabalho de Conclusão do curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção do grau
de Licenciado em Letras Português/Espanhol da
Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus*
Cerro Largo/RS.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Caroline Mallmann Schneiders

CERRO LARGO/RS

2020

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Ajala, Jean Marcos Silva

O festival Califórnia da Canção Nativa e a constituição do sujeito gaúcho nativista / Jean Marcos Silva Ajala. -- 2020.

43 f.

Orientadora: Doutora Caroline Mallmann Schneiders

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Cerro Largo, RS, 2020.

1. Música gaúcha. 2. Nativismo. 3. Sujeito gaúcho nativista. 4. Análise de Discurso. I. Schneiders, Caroline Mallmann, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

JEAN MARCOS SILVA AJALA

**O FESTIVAL CALIFÓRNIA DA CANÇÃO NATIVA E A CONSTITUIÇÃO DO
SUJEITO GAÚCHO NATIVISTA**

Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras: Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Caroline Mallmann Schneiders

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

23/09/2020

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Caroline Mallmann Schneiders – UFFS
(Presidente/Orientadora)



Profa. Dra. Jeize de Fátima Batista – UFFS*



Profa. Me. Luiza Boézio Greff – UFSM*

*Assinatura do(a) Presidente da banca representando os demais membros conforme Ofício-Circular N° 8/2020 – PROGRAD.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado saúde e perseverança para que eu pudesse chegar até este momento.

Especialmente, à minha mãe, Neuza Rodriguez da Silva, por ser meu apoio, incentivo e exemplo a seguir na vida.

Agradeço a minha professora orientadora, Caroline Mallmann Schneiders, pelas orientações, correções e pelo tempo que me dedicou para conclusão deste trabalho.

Aos demais professores do Curso de Letras-Português e Espanhol, pelos ensinamentos, os quais contribuíram em minha trajetória acadêmica.

Por fim, a todas as pessoas que, de alguma forma, fizeram parte desta fase de minha vida.

Quando o verso vem pras casas

A calma do tarumã ganhou sombra mais copada
pela várzea espichada com o sol da tarde caindo
um pañuelo maragato se abriu no horizonte
trazendo um novo reponte, pra um fim de tarde bem lindo.

Daí um verso de campo se chegou da campereada
ao lombo de uma gateada frente aberta de respeito
desencilhou na ramada, já cansado das lonjuras
mas estampando a figura, campeira, bem do seu jeito.

Cevou um mate pura-folha, jujado de maçanilha
e um ventido da coxilha trouxe coplas entre as asas
pra querência galponeira, onde o verso é mais caseiro
templado à luz de candeeiro e um "quarto gordo nas brasa"

A mansidão da campanha traz saudade feito açoitado
com os olhos negros de noite, que ela mesmo aquerenciou...
e o verso que tinha sonhos pra rondar na madrugada
deixou a cancela encostada e a tropa desgarrou

E o verso sonhou ser várzea com sombra de tarumã
ser um galo pras manhãs, ou um gateado pra encilha.
Sonhou com os olhos da prenda vestidos de primavera
adormecidos na espera do sol pontear na coxilha.

Ficaram arreio suado e um silêncio de esporas
um cerne com cor de aurora queimando em fogo de chão
uma cuia e uma bomba recostada na cambona
e uma saudade redomona, pelos cantos do galpão

(TEIXEIRA; MARENCO, 2005).

RESUMO

A cultura de um povo é expressada principalmente por sua música, a música gaúcha não foge dessa premissa. Desta maneira, este estudo visa a refletir como se constitui o imaginário do sujeito gaúcho nativista, que remete principalmente à sua vida no campo, através das músicas campeãs do festival Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul. Para isso, selecionamos, como *corpus*, cinco músicas deste festival, tendo como critério as vencedoras a cada dez edições (as campeãs dos anos de 1971, 1982, 1992, 2002 e 2019). Nos fundamentamos na Análise de Discurso (AD) de viés pecheuxiano, a qual se trata de um campo teórico que visa à interpretação e à compreensão de como os discursos produzem efeitos de sentido, mobilizando os conceitos de discurso, sujeito, interdiscurso, formação discursiva e condições de produção. E, através da interpretação das sequências discursivas recortadas das músicas, compreendemos os efeitos de sentido que tais discursos produzem a partir da historicidade e memória discursiva que ressoam e constituem esse sujeito gaúcho. Os discursos que compõem as músicas campeãs exprimem o atravessamento do nativismo pelo o que é histórico na trajetória destes sujeitos. Os temas presentes nas letras servem como parâmetros para a manutenção e preservação da sua cultura. O discurso em tono do sujeito gaúcho nativista inscreve em sua formulação uma determinada memória, cristalizando determinados sentidos.

Palavras-chave: Música gaúcha. Nativismo. Sujeito gaúcho nativista. Análise de Discurso.

RESUMEN

La cultura de un pueblo es expresada principalmente por su música, la música gaucha no huye de esa premisa. De esta manera, este estudio visa reflexionar la manera como el imaginario del sujeto gaucha nativista, que remete a su vida en el campo a través de las músicas campeonas del festival Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul. Para eso, seleccionamos, como *corpus*, cinco músicas vencedoras dese festival, teniendo como criterio, las vencedoras a cada diez ediciones (las campeonas de los años de 1971, 1982, 1992, 2002 y 2019). Nos fundamentamos en la Análisis del Discurso (AD) de la línea pecheuxtiana, la cual trata de un campo teórico que visa la interpretación y la comprensión de cómo los discursos producen efectos de sentido, movilizandolos conceptos de discurso, sujeto, interdiscurso, formación discursiva y condiciones de producción. Y, a través de la interpretación de las secuencias discursivas recortadas de las músicas, comprendemos los efectos de sentido que tales discursos producen a partir de la historicidad y memoria discursiva que resuenan y constituyen ese sujeto gaucha. Los discursos que componen las músicas campeonas expresan el atravesamiento del nativismo por lo que es histórico en la trayectoria de estos sujetos. Los temas presentes en las letras sirven como parámetros para la manutención y preservación de la cultura. El discurso alrededor del sujeto gaucha nativista inscribe en su formulación una determinada memoria, cristalizando ciertos sentidos.

Palabras clave: Música gaucha. Nativismo. Sujeto gaucha nativista. Análisis del Discurso.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 FORMAÇÃO DISCURSIVA NATIVISTA E MEMÓRIA.....	12
2.2 CONSTITUIÇÃO DO DISCURSO DO GAÚCHO NATIVISTA.....	14
3 O MOVIMENTO NATIVISTA E O FESTIVAL CALIFÓRNIA DA CANÇÃO NATIVA DO RIO GRANDE DO SUL	17
4 ANÁLISE DISCURSIVA DA CONSTITUIÇÃO DO GAÚCHO NATIVISTA	19
4.1 O GAÚCHO NATIVISTAS NAS MÚSICAS	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29
ANEXOS	31

1 INTRODUÇÃO

A música gaúcha, enraizada no povo gaúcho, trata de temas que percorrem toda sua história, sendo vista como um dos pilares que sustentam as manifestações culturais desses sujeitos. A partir disso, podemos afirmar que ela faz parte não somente dos sujeitos, mas também da sua sociedade, tendo a função de ser uma das formas de identificá-la. Desta maneira, músicas que tratam de evidenciar uma cultura têm as suas devidas especificidades, por sua vez, na cultura gaúcha, elas podem ser denominadas gauchescas e regionalista.

Nesse contexto, foi criado, na cidade de Uruguaiana - RS¹, o primeiro festival com propósito de exaltar os valores da cultura gaúcha, o Festival Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul (CCNRS), no ano de 1971, e, com o passar de décadas, já se contam mais de 40 edições.

Com todo o valor que esse evento ganhou com o passar dos anos, indagamos a respeito da representação deste sujeito gaúcho nativista, que tem como premissa ser exaltado por meio de músicas, o seu modo de vida, a sua cultura, especialmente relacionado à sua história de conflitos e de temas, em geral, ligados à vida no campo, expressos nas letras das canções vencedoras do festival.

O CCNRS, no âmbito musical gaúcho, trata-se de um movimento que foi criado em contrapartida a não apreciação de música nativista em um festival local de música popular, em Uruguaiana, por ser classificada por seus idealizadores, como regionalista/gauchesca demais (LOPES, 2001). Este foi o estopim para o movimento e, a partir disso, iniciou-se festivais que exaltavam o regionalismo e, em especial, que davam voz para os temas que condiziam com a identidade cultural gaúcha.

Com isso, esta pesquisa tem o objetivo de refletir acerca deste imaginário em torno do gaúcho nativista, visando compreender o modo de constituição do sujeito gaúcho e de temas que remetem à sua vida por meio de músicas nativistas. Observamos a importância, nas produções musicais, da exaltação, preservação e manutenção dessa cultura que, com a influência de aspirações da modernidade, ainda são marcas para a identificação dos sujeitos pertencentes a ela.

Por consequência, ser pertencente a uma cultura nos faz pensar o porquê de ela, no passar dos anos, atingir o *status* atual e como foi essa sua trajetória de

¹ Cidade brasileira que está localizada nas margens do rio Uruguai, na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, e faz divisa com a cidade argentina de Paso de los Libres.

constituição. Assim, para compreendermos essa trajetória, por também pertencermos a esta cultura, é importante que compreendamos os componentes desta sociedade, ou seja, os seus sujeitos.

Para o desenvolvimento do nosso trabalho, ancoramo-nos na perspectiva da Análise de Discurso (AD) pecheuxtiana, a qual trata de um campo teórico que visa à interpretação e à compreensão de como os discursos produzem efeitos de sentido. E, como dispositivo teórico e analítico, mobilizamos os conceitos de discurso, sujeito, interdiscurso, formação discursiva e condições de produção.

Esses conceitos constituem o dispositivo de análise por meio do qual visamos lançar gestos de interpretação para responder a seguinte problemática: como se constitui o imaginário sobre o sujeito gaúcho nativista? Para esse desenvolvimento, selecionamos, como *corpus*, cinco músicas vencedoras do CCNRS (em anexo), tomando, como critério de seleção, as vencedoras a cada dez edições. São elas: as campeãs dos anos de 1971, 1982, 1992, 2002 e 2019.

Para explicitarmos o processo discursivo, partimos da compreensão das regularidades das marcas linguísticas observadas nas letras das músicas. Com isso, buscamos compreender tanto as repetições como as diferenças que contribuem para a constituição do imaginário gaúcho nativista. Vale destacar que a AD não propõe uma metodologia estanque, a mesma é construída ao longo da pesquisa, em um constante ir e vir da teoria para a análise e da análise para a teoria.

Portanto, a reflexão acerca de temas culturais do nosso estado, principalmente sobre uma figura histórica e exaltada como a do gaúcho, tem a importância de, através de um olhar discursivo, desconstruir evidências e ainda mais aclarar a sua relevância. Juntamente com essa exigência, por um lado existe uma necessidade pessoal, pois pertencer e se identificar com a cultura gaúcha é motivo que nos leva a compreendê-la. Por outro lado, o resultado será de grande valia para o acadêmico do Curso de Letras, de maneira que exigirá de todo conhecimento obtido em sua trajetória no curso.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho está fundamentado pela Análise de Discurso (AD) pecheuxtiana, a qual, segundo Orlandi (2012, p. 15), trata do discurso, isto é, a prática de linguagem pelo homem, ele falando com a palavra em curso, em movimento, compreendida assim como linguagem em circunstâncias de uso. Nesta perspectiva, a língua será compreendida como estabelecadora de sentidos, simbólica, pertencente ao ato social e parte constitutiva do ser humano e da sua história.

O discurso, por sua vez, é estabelecido como efeitos de sentido entre locutores. A linguagem, nesse âmbito, não é compreendida como ferramenta de comunicação (relação de transmissão de código quando há relação entre locutores) (ORLANDI, 2006, p. 14-15). Nela há estabelecimento de sentidos entre locutores. Considera-se a língua em funcionamento, a relação entre sujeitos simbólicos. Dessa forma, “[...] devemos renunciar a concepção de linguagem como instrumento de comunicação. Isto não quer dizer que a linguagem não serve para comunicar, mas sim que este aspecto é somente a parte emersa do iceberg” (HENRY, 1997, p. 26).

A linguagem, para a AD, não é transparente, sendo determinada histórico e ideologicamente. Nesse viés, a materialidade da ideologia é o discurso e do discurso é a língua, então, entre eles se estabelece a relação língua-discurso-ideologia. Em suma, não há discurso sem sujeito, como não há sujeito sem ideologia, ou seja, o indivíduo, desse modo, é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (PÊCHEUX, 1995).

Considerando nosso objeto de estudo, podemos dizer que é a ideologia que determina o nativismo e o indivíduo gaúcho, o transforma em sujeito do discurso, e é através da língua que a ideologia se manifesta. Por isso, a função da ideologia, segundo Orlandi (2012, p. 46), é “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência”.

A língua, para a perspectiva da AD, está além da palavra, frase ou texto, ela propõe o estudo do seu funcionamento, a sua produção de sentidos, não considerando ela como sistema, mas sim a sua representação em diferentes momentos, épocas, e em diferentes circunstâncias. Extrair sentido do texto é extrair o seu significado, partindo da não transparência do texto (ORLANDI, 2012, p. 17).

Tendo o texto como unidade de sentido, segundo o viés discursivo, não nos preocupamos em tratar do conteúdo dele, trata-se de refletir sobre sua discursividade, como ele, em seu funcionamento, produz sentidos. Para entendermos isso, precisamos entender como ele se constitui em discurso em função de sua determinação ideológica (ORLANDI, 2006, p. 16).

Assim, interessa-nos, a partir da AD, “mostrar que a relação linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo-a-termo, isto é, não se passa diretamente de um a outro. Cada uma tem sua especificidade” (ORLANDI, 2012, p. 19). Seguindo isso, para compreendermos a constituição do sujeito gaúcho nativista, teremos que nos fundamentar na sua história, por meio da qual, entenderemos a historicidade inscrita no seu discurso, a sua materialidade. Amparamo-nos na seguinte percepção, a qual entende que a história não é transparente, e, na produção do discurso, há de se relacionar a língua com a história para, assim, haver produção de sentidos. Desse modo, o estudo da forma material requer explicitar as relações linguísticas-históricas. Ou seja, nesse estudo, assimila-se a língua não como forma, mas como acontecimento (ORLANDI, 2012, p. 19), sendo o discurso um objeto linguístico e histórico.

2.1 FORMAÇÃO DISCURSIVA NATIVISTA E MEMÓRIA

A ideologia, conforme Orlandi (2012, p. 46), é a condição para que haja a constituição do sujeito e, por isso, ela é constitutiva do discurso, dissimulada e formando evidências, as quais parecem ser subjetivas ao sujeito, constituindo-o. Dessa maneira, devemos nos pautar na materialidade do discurso, assim se pode compreender, a partir da materialidade, os sujeitos e os sentidos. Também, a evidência do sujeito, pois somos sempre sujeitos, o que contradiz o fato, antes dito, que o sujeito é interpelado pela ideologia, “esse é o paradoxo pelo qual o sujeito é chamado à existência: sua interpelação pela ideologia” (ORLANDI, 2012, p. 46).

Como interessa-nos refletir sobre a constituição do sujeito gaúcho nativista, é importante entendermos a formação discursiva (FD) em que esse sujeito se inscreve. Compreendemos, segundo Pêcheux (1995, p. 163), que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina, isto é, na qual ele é constituído como sujeito”. Então, o sujeito

é uma posição entre outras do discurso, da qual ele se insere, e, assim, é interpelado pelo seu inconsciente que inscreve seu discurso em determinada formação discursiva.

FD “é a noção a qual corresponde a um domínio do saber, constituído de enunciados discursivos que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando o que pode ou não ser dito” (INDURSKY, 2005). Desta maneira, o discurso do gaúcho nativista, estará regulado por uma ideologia dominante a partir de determinada formação discursiva, isto é, as músicas a serem analisadas são determinadas ideologicamente, produzindo certos sentidos. Assim, o sujeito somente será esse sujeito gaúcho nativista quando, a partir de seu discurso, identificar-se com uma formação discursiva que o domina e, por meio da qual, assume uma determinada posição-sujeito diante de seu discurso. Nesse sentido, a formação discursiva pode ser entendida como o que pode e deve, ou não, ser dito pelo sujeito gaúcho nativista.

Nesse âmbito, Pêcheux (1995) propõe a divisão do sujeito em relação a ele mesmo, a qual é materializada nas tomadas de posição relacionadas aos saberes de sua formação discursiva. As tomadas de posição consistem em três modalidades: a primeira, denominada identificação plena, se dá quando há identificação plena do sujeito com a forma-sujeito da FD; a segunda, contra-identificação, funciona de maneira contrária à primeira, o sujeito do discurso se contrapõe a forma-sujeito, questionando saberes que ocorrem na FD; na última modalidade, desidentificação, o sujeito do discurso se desidentifica de uma formação discursiva, deslocando sua identificação para outra FD (INDURSKY, 2005). Assim, entendemos que a FD gaúcho nativista determina o que pode ou não circular nas letras das músicas.

Além disso, para a AD, é importante, na constituição do discurso e do sujeito, o conceito denominado interdiscurso, também chamado de memória discursiva. Ele estabelece o que foi dito antes, em outro momento e lugar, como

o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 2012, p. 31).

Desta maneira, tudo que já foi dito alguma vez sobre o povo gaúcho, sobre suas vidas, por alguém, em algum momento, em algum lugar, significou, está significando, de modo a criar efeitos de sentido. Logo, enunciados criados sobre o gaúcho acabam trazendo o já dito, como memória, mesmo dito com outras palavras

(ORLANDI, 2012, p. 32). Por essa razão, nós compreendemos que, o que já foi dito sobre o sujeito gaúcho é retomado em situações discursivas atuais. E, dessa forma, também, nos ajudará a entender a constituição do sujeito gaúcho nativista.

2.2 CONSTITUIÇÃO DO DISCURSO DO GAÚCHO NATIVISTA

Para analisar o sujeito gaúcho nativista inscrito nas músicas analisadas, é importante entender as condições de produção dessas composições, as quais, segundo Orlandi (2006, p.15), incluem os sujeitos e a situação. Por um lado, situação compreende o contexto de enunciação. No nosso caso, refere-se aos anos que as músicas participaram do festival e foram vencedoras, vinculam-se àquele momento, ao festival daquele ano, aos participantes, às circunstâncias que exprimem aquela situação. Por outro lado, a situação, em sentido amplo, compreende o contexto sócio-histórico daquela sociedade, o qual, como sabemos, é constituído por uma trama de instituições em hierarquia, em que o saber se relaciona com o poder. Assim, entende-se que o que acontece nas situações de enunciação, isto é, de ocorrência dos festivais, não está desvinculado de seu sentido mais amplo, histórico, e, assim, produz sentidos.

A constituição do sujeito gaúcho perpassa a história da colonização da América, especificamente o território do sul do Brasil, o qual hoje corresponde ao Rio Grande do Sul. Nesse território, as delimitações de fronteira impostas até os dias atuais provêm dos acordos entre os colonizadores, Portugal e Espanha. Porém, a história dos habitantes do RS decorre de muito antes da chegada dos europeus, a região era povoada primeiramente por índios e assim vista pelos ibéricos como terra sem dono. Nessa área, antes da atual delimitação, predominou-se o domínio espanhol, o qual deixou marcas mais significativas na constituição cultural e nos hábitos do gaúcho (LUVIZOTTO, 2010).

Com a bandeira espanhola, os jesuítas se estabeleceram e ocuparam grande área do estado, dedicaram-se à agricultura e à criação de gado. Em consequência da expulsão deles e o fim das reduções, a criação de gado foi deixada para trás e, assim, formou-se grandes rebanhos abandonados no pampa. Dessa maneira estava lançado o principal fundamento econômico ligado à constituição da cultura gaúcha, “a preia de gado xucro” (PESAVENTO, 2014, p. 11).

Como percebemos, a designação “gaúcho”, instituída através da história dos habitantes do RS e dos habitantes da fronteira dos países da Argentina e Uruguai, é fruto especificamente da colonização. Esse termo, sua etimologia, origina-se do árabe *gaûch* e do persa *guchi*, com significados como: boi, vaca, e, também, no castelhano antigo, *caucho*, com o mesmo sentido do árabe *chaûch*, tropeiro, assim, de fato há a sua ligação originária ao trabalho do homem com o gado e a vida pastoril (MACHADO, 1966 apud NUNES; NUNES, 2010).

No dicionário específico, *Dicionário de regionalismo do Rio Grande do sul*, o vocábulo gaúcho designa:

Habitante do Rio Grande do Sul. // Habitante do interior do Rio Grande, dedicado à vida pastoril e perfeito conhecedor das lides campeiras. // Habitante da Argentina e do Uruguai, da região de campanha, com origem e costumes assemelhados aos dos rio-grandenses. // Primitivamente: Changador, gaudério, ladrão, contrabandista, vagabundo, coureador, desregrado, andejo, índio ou mestiço, maltrapilho, sem domicílio certo, que andava, de estância em estância, trabalhando em serviços que fossem executados a cavalo. // Remanescentes de tribus guerreiras que habitavam a Argentina, o Uruguai e o Rio Grande do Sul (NUNES; NUNES, 2010, p. 210)

No RS, houve a ressignificação desse termo, o qual passou a representar toda a população do estado. Essa ressignificação, que nesse momento é dada pelo homem urbanizado, isto é, não é o gaúcho que vive a vida de gaúcho, o qual se designa, mas sim o urbanizado que o ressignifica. Desta maneira, a ressignificação se dá pelo exterior ao grupo de gaúchos, propriamente dito. Ou seja, novos sentidos foram agregados a essa designação (PETRI, 2004, p. 130). Assim, compreendemos o sujeito gaúcho, como o que vive no campo e cultua as tradições habitualmente, sem ter a noção de cultuar a si próprio, de forma mítica. E,

São os sentidos pejorativos constitutivos da memória que impedem a identificação plena do homem do campo com a designação gaúcho, pois essa identificação do sujeito vai depender da sua tomada de posição em relação à forma-sujeito gaúcha representante da FD gaúcha (PETRI, 2004, p. 130).

Então, há o sentido negativo, de certa forma, que designa esse termo. E, mesmo com a reconstrução do sentido, de forma a exaltar a tradição e costumes desse povo ligado à sua terra e à sua história, a FD carrega o sentido pejorativo, o qual não foi apagado da memória (interdiscurso) do gaúcho.

A memória discursiva (interdiscurso), por sua vez, estabelece que os discursos que circulam, no nosso caso, sobre o gaúcho, é a diluição de palavras, repetições, relações de sentido, paráfrases, que vêm à tona, mostrando que há outro discurso no discurso, que não há um limite, os discursos se difundem, são mediados, transformados, dessa forma “há um longo percurso entre o discurso e o texto” (ORLANDI, 2012, p. 110).

Neste sentido, conforme Orlandi (2012), um texto tem, em suas margens, outros textos, denominadas famílias parafrásticas, os quais indicam outras formulações, de mesmo tipo de significação, porém de organização em diferentes significantes, desse modo, “cada texto tem os vestígios de como da forma como a política do dizer inscreveu a memória no interior de sua formulação imaginária” (ORLANDI, 2012, p. 111).

Assim, o discurso sobre o sujeito gaúcho é retomado e ressignificado, esse processo constitui-se por meio da memória e podem ser denominados como rememoração e comemoração. Segundo Venturini (2008), rememoração, eixo vertical e de seleção, representa o já-dito, o interdiscurso, em forma de processo parafrástico, o qual compõe uma rede de reformulações do já-dito. A comemoração, por sua vez, eixo horizontal, formado pelas relações lineares do dizer, as quais irrompem discursos que retornam, muitas vezes, ressignificados, de forma a constituir um processo polissêmico, de novos sentidos, pela paráfrase ou repetição. Por fim, a constituição do discurso sobre o sujeito gaúcho é retomada e ressignificada, em processo contínuo.

3 O MOVIMENTO NATIVISTA E O FESTIVAL CALIFÓRNIA DA CANÇÃO NATIVA DO RIO GRANDE DO SUL

Distinguir a cultura do Rio Grande do Sul permite o uso de vários termos, na maioria das vezes, empregados representando o mesmo sentido. Em primeiro, o regionalismo, o qual é usado para representar o que de fato pertence aos aspectos culturais e característicos do estado do Rio Grande do Sul, estende-se desde culinária à maneira de se vestir do gaúcho, nesse também se enquadra a música. Ele se diferencia do conceito do Regionalismo na literatura, que representa aspectos específicos de determinadas regiões do Brasil (SANTI, 1999, p. 23).

Dentre outros termos, designações como “música gaúcha” ou “gauchesca” também são usados para definir canções que expressam a cultura do estado. O termo “gauchesca”, na música, tem aspiração da Poesia Gauchesca², da Argentina e do Uruguai, ele compreende escritos que davam voz ao homem do campo e também guerreiro, a partir das guerras de independência (SANTI, 1999, p. 24). Assim, percebemos a ligação entre a proposta do Califórnia, em seu regulamento (em anexo), e a Poesia Gauchesca, pelo fato de as duas terem, como proposta, divulgar e preservar o sujeito gaúcho e sua cultura.

A música gaúcha foi sempre estimada dentro do RS, para Colmar Pereira Duarte³, o movimento Califórnia é fundamental dentro do parâmetro musical do estado, ele marca uma nova era no tratamento que diz respeito à cultura gaúcha (CHIARELLI, 2001, p. 28), de valorização do que é nativo do estado. Pois, “a música nascida naturalmente no Rio Grande do Sul detinha, como manifestação artística, a simpatia de grande parte da população” (LOPES, 2001, p.18).

No contexto, em meio à propagação da música estrangeira, não somente em âmbito regional, mas, no Brasil, como todo, de certa forma, a música nativa, aqui nascida, perdia espaço principalmente nas rádios, que representavam os maiores meios de comunicação/divulgação da cultura regional na época da criação do festival.

Para Lopes (2001), a tarefa do Califórnia é de auxiliar no resgate social da figura do gaúcho, a qual, por muitas vezes, foi e ainda é provavelmente mal compreendida e marginalizada decorrente da sua condição histórica, muitas vezes, pouco sustentável.

² Escritos que davam voz ao homem do campo nos países de língua espanhola, Argentina e Uruguai.

³ Criador e idealizador da Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul, além de ser poeta, escritor, pesquisador e compositor e ocupar a cadeira 40 na Academia Rio-Grandense de Letras.

Assim, desde seu início, o festival pretendeu reciclar o cancionero gaúcho, também pretendendo uma estética mais refinada, de forma que ele serviu como amparo para o nativismo, surgido, então, no interior do tradicionalismo, que, a partir daí, ganhou vida própria, mas ainda não com ares de independência (COUGO JUNIOR, 2012).

Desta maneira, o nativismo, para nosso estudo, compreende um movimento musical que teve início predominantemente na década de 1970, esse movimento diferencia-se do tradicionalista da seguinte maneira: seus adeptos encontram-se normalmente em festivais e os tradicionalistas nos Centros de Tradições Gaúchas (CTG's)⁴, o nativismo é formado por músicos que visam a divulgar seus trabalhos ligados às raízes da cultura gaúcha (MARQUEZ, 2011).

O festival, por sua vez, nasce com o ideal de reformular o cancionero gaúcho, que vinha sendo até o momento compreendido como regionalismo ligado à música caipira, desta maneira, procurou-se criar uma música regional que fugisse do aspecto “grossura” e, com o Califórnia, atingiu-se a inovação, a qual sintetiza o RS (CHIARELLI, 2001, p. 28).

⁴ O CTG é o espaço onde se pratica as manifestações culturais e atividades que envolvem os símbolos e rituais da tradição gaúcha (LUVIZOTTO, 2010, p. 14).

4 ANÁLISE DISCURSIVA DA CONSTITUIÇÃO DO GAÚCHO NATIVISTA

Como percebemos, a trajetória do sujeito gaúcho está completamente alinhada à construção social do estado do Rio Grande do Sul, desta maneira, a CCNRS serve de centro cultural para manifestações que expõem, não somente a vida do homem ligado ao campo, mas também as transformações que a modernidade proporcionou ao sujeito gaúcho, as quais ele há de se moldar. Juntamente com o festival, o movimento nativista, proveniente do tradicionalismo, fundamenta-se em evidenciar a cultura da terra e do povo gaúcho, além de buscar uma nova roupagem para a música gaúcha.

Partindo disso, objetivamos investigar como se compõe o imaginário nativista do sujeito gaúcho através da CCNRS. E, para alcançarmos isso, buscamos entender como o sujeito gaúcho nativista é constituído nas letras das músicas vencedoras do festival, a partir de determinadas condições de produção; isso, aliado ao fator ideológico como constitutivo de todo o discurso.

Para tanto, partimos das regularidades linguísticas das músicas, consequente da relação entre o sujeito gaúcho nativista e seus efeitos de sentido, num constante ir e vir do texto para a teoria, da teoria para o texto, denominado gestos de interpretação (ORLANDI, 2015). Para isso, nosso estudo mobilizou as seguintes letras campeãs da CCNRS: *Reflexão*, *Desgarrados*, *Florêncio Guerra e seu cavalo*, *Feito a carreto* e *Leilão de aperos*. Para a análise, utilizamos trechos das músicas, denominadas como sequência discursiva (SD).

4.1 O GAÚCHO NATIVISTAS NAS MÚSICAS

A primeira edição do festival CCNRS, ano de 1971, teve como campeã a música *Reflexão*, com letra de Colmar Duarte, principal idealizador do festival. Ela compreende uma reflexão do sujeito gaúcho sobre a situação incômoda em que se encontra, a qual, por momento, ele deseja que seja diferente, desejando alcançar ser livre. Conforme podemos compreender a partir da SD 1, os efeitos de sentido em funcionamento remetem ao gaúcho como andarilho dos pampas, como condição social e histórica:

SD 1: “Para fugir a tristeza
Por buscar esquecimento,
Desejei ser como o vento
Que vai passando sozinho,
Sem repisar um caminho
Sem conhecer paradeiro
Quis ser nuvem ao pampeiro
Ser a estrela que fulgiu,
Quis ser as águas do rio
Fazendo inveja às areias
Em seu eterno viajar”

Desta maneira, como o discurso se materializa na língua, deve-se enaltecer que a linguagem é, para o homem, de fundamental importância como estabelecadora das relações entre ele e a sua realidade natural e social (ORLANDI, 2015, p. 13), e que o histórico, o social e o ideológico compõem o sujeito.

Partindo do histórico, a condição expressada na letra, “*Para fugir da tristeza/ Por buscar esquecimento*”, a qual inicia a música, indaga-nos do porquê desse estado. Assim, o contexto histórico-social que atravessa o discurso, coloca o sujeito gaúcho nessa condição, para isso, buscamos relacionar o panorama da década de 1970, o qual é marcado pelo êxodo rural. Em números, segundo Abramovay e Camarano (1998), quase metade da população pertencia ao meio rural nessa época (45,5%). Quanto ao êxodo, grandes fatores iniciaram e influenciaram esse período, principalmente o social da população do Sul do Brasil, dentre estes fatores, destacam-se o fortalecimento de técnicas produtivas ligadas a poupar mão-de-obra e à baixa taxa de fecundidade das terras que impossibilitou a permanência da população do campo nas zonas rurais.

Com isso, as condições de produção, as quais incluem os sujeitos e a situação, possibilitam interpretar que o discurso sobre o sujeito gaúcho expressado na letra, em dois contextos. Isto é, em contexto imediato, sentido estrito, e em contexto sócio-histórico, sentido lato. Assim, os fatos daquele momento, a situação incômoda do gaúcho, compreende o contexto imediato. O outro, sócio-histórico, compreende o êxodo rural, o qual influenciou o gaúcho em seu estado natural, no campo. Há de se ressaltar que não se pode dissociar um sentido do outro (ORLANDI, 2006).

A relação de ordem simbólica presente na língua, conforme a SD 1, com relação à natureza, isto é, ao campo, está presente no imaginário do gaúcho. A partir das representações: “*Desejei ser como o vento/Quis ser nuvem/Quis ser as águas do rio*”, por exemplo, compreendemos que seus efeitos de sentido estão inscritos na

história do gaúcho, de maneira a criarem e pertencerem ao seu imaginário. Segundo Orlandi (2015), essa relação simbólica com o mundo da língua, só é possível diante das suas inscrições na história, nesse caso, na inscrição na história do gaúcho.

Como o discurso é efeitos de sentido, ainda a SD 1 permite que remetemos o sujeito gaúcho ao discurso de sua origem. Desta maneira, o discurso expressado pela primeira sequência é atravessado pelo discurso ligado ao gaúcho como sendo homem livre, sem paradeiro. Como aponta Luvizotto (2010, p. 29) sobre o gaúcho, sendo este o homem livre dos pampas, que, dessa maneira, inicia o processo de constituição de sua identidade.

A próxima campeã da CCNRS, edição do ano 1981, consagrou a décima primeira campeã do festival. Música de Sérgio Napp, intitulada *Desgarrados*. Nela podemos perceber uma pequena relação com a primeira campeã, porém aborda mais especificamente o tema do sujeito gaúcho deslocado de seu cotidiano de homem do campo.

Seu título, *Desgarrados*, supõe a separação de alguma coisa de algo, entretanto é importante ressaltar que, para analisar um discurso, não se pode tê-lo como um texto, uma sequência linguística fechada em si, faz-se necessário o uso de referências, outros discursos possíveis, ligados as suas condições de produção (PÊCHEUX, 1997, p. 79). Nesse caso, compreendemos sentidos em torno de um gaúcho separado de suas origens.

SD 2: “Eles se encontram no cais do porto pelas calçadas,
Fazem biscates pelos mercados, pelas esquinas,
Carregam lixo vendem revistas, juntam baganas,
E são pingentes nas avenidas da capital”

A partir da SD 2 acima, podemos observar o sujeito gaúcho deslocado do campo, pelo motivo, por exemplo, da crescente saída da população rural para as regiões metropolitanas do estado, como antes citado com relação ao êxodo rural.

O forte crescimento da população urbana, por meio das migrações, ocasiona o que de fato está expresso na letra e, os gaúchos, como eram homens do trabalho do campo, não tinham especialidades quanto ao trabalho que as regiões urbanas dispunham, o que os levava a não terem uma profissão definida e, dessa forma, não se adequarem à vida nas grandes cidades.

Por ocasião disso, o contexto sócio-histórico do discurso, o qual remete aos processos migratórios, representam as condições de produção dessa letra, deste

discurso (ORLANDI, 2015). Condições estas vindas majoritariamente do contexto social daquele momento, que era influenciado pelas circunstâncias de redução da importância da população do campo, ocasionado pela queda da fecundidade rural, assim, possibilitando a migração da população rural para as regiões urbanas (ABRAMOVAY; CAMARANO, 1998).

Percebe-se que o discurso, o qual remete a conjuntura em que o sujeito se encontra, tanto na SD 2 como na próxima, configura o discurso do gaúcho. Isso possibilita a existência de outros discursos, os quais constituem o seu imaginário. E, para Pêcheux (1995), sempre algo dito ou falado anteriormente é retomado em outro lugar. Com o uso da próxima sequência, exemplificaremos melhor:

SD 3: “Cevavam mate, sorriso franco, palheiro aceso,
Viravam brasas, contavam causos polindo esporas,
Geada fria, café bem quente, muito alvoroço.
Arreios firmes e nos pescoços lenços vermelhos”.

Conforme os verbos “*Cevavam, viravam, contavam*”, empregados no pretérito imperfeito (indicativo), observamos o passado, não um passado encerrado, mas um passado contínuo, como o próprio verbo indica, o qual remete a ligação do sujeito gaúcho com o pampa, com a vida do campo até o seu êxodo. De certa forma, não há somente o fato de sua saída do campo presente no discurso, também há a transformação do campo em cidade e, desta forma, o gaúcho encontra-se deslocado, desgarrado, de seu estado natural ou utópico de origem.

Desta maneira, cabe aqui nos acercarmos do conceito denominado interdiscurso, que, de acordo Orlandi (2015, p. 29), é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Essa memória é retomada na SD 3, com o uso das expressões que descrevem a vida cotidiana no campo, como “*cevavam mate, palheiro aceso, contavam causos, geada fria*”.

Com isso, percebemos o funcionamento da memória discursiva constituindo o discurso sobre a vida do gaúcho no campo, de modo que a situação de estar deslocado de sua origem a possibilita. Nesse sentido, a constituição do discurso, o qual é transpassado pela situação atual, de deslocamento à vida urbana como efeitos de sentido sobre o gaúcho, de certa forma, alinha-se com os objetivos do festival, os quais visam representar temas da terra e da gente gaúcha.

De outra maneira, a campeã de 1991, composta por Mauro Ferreira, tem o sujeito gaúcho representado pelo nome de *Florêncio Guerra*, o qual ressoa o passado histórico do gaúcho ligado a guerras. Há, também, referência ao convívio do homem com o animal, o cavalo, o qual é um elemento fundamental na criação da identidade desse sujeito.

SD 4: “Florêncio afiou a faca para sangrar seu cavalo [...] Florêncio guerra das guerras do tempo em que seu cavalo Pisava estrelas nas serras pra chegar antes dos galos Florêncio afiou a faca pensando no seu cavalo”

A partir dessa SD, compreendemos o processo constitutivo da identidade do sujeito gaúcho, que, conforme Luvizotto (2010), a figura do gaúcho, o tipo ideal, homem do campo, domador de cavalos, o qual sua denominação faz menção à liberdade e honra, possui relação estreita com seu cavalo.

Essa relação, os efeitos de sentido que ela remete, é de complementação, um depende de outro, o homem orienta o animal com seu raciocínio lógico e o cavalo o ajuda com seu instinto e como guia nas andanças noturnas, capaz de percorrer grandes distâncias em pouco tempo, também ágil em situações de luta (PETRI, p. 97, 2004), como se exemplifica neste verso, “*Pisava estrelas nas serras pra chegar antes dos galos*”. Remete, também, à dependência desse animal para seu trabalho com rebanho, na maioria das vezes, como um simples empregado, tendo de obedecer ao seu patrão:

SD 5: “O patrão disse a Florêncio que desse um fim no matungo
Quem já não serve pra nada não merece andar no mundo
A frase afundou no peito e o velho não disse nada
E foi afiar uma faca como quem pega uma estrada
Acharam Florêncio morto por cima do seu cavalo
Alguém que andava no campo viu o centauro sangrado
Caídos no mesmo barro voltando pra mesma terra
Que deve tanto ao cavalo e tanto a Florêncio Guerra”.

A constituição da identidade do gaúcho nativista nessa canção faz ressoar o discurso histórico deste sujeito, principalmente quanto à nomeação dele, a qual permite compreendermos que, junto ao nome, está o vínculo com a guerra, de modo inseparável. Destacamos que não há só ressonância de sentidos, como nos elementos “*guerra e cavalo*”, mas também nas relações sociais que permeiam sua

constituição de identidade gaúcha, como a relação de trabalho entre peão e patrão, presente no discurso dessa canção.

Retomando a interpretação da SD 5, o termo “*Centauro*”, não só estreita a relação entre homem e cavalo, como também os une de maneira carnal, tornando-os um outro ser, um mito da antiguidade, que remete ao excelente cavaleiro, uma relação de completamente simbólica (PETRI, 2004), tal conexão que exige de Florêncio a atitude dele próprio tirar-se a vida.

Outro ponto de ressonância de dizeres e sentidos é quanto à guerra e batalhas, já que “o Rio Grande era relegado à posição de “estalagem do império”: fornecia soldados, cavalos e alimento durante as lutas fronteiriças; a guerra desorganizava sua produção, mas não recebia indenização por danos sofridos.” (PESAVENTO, p. 38, 2014). Assim, a guerra estando presente na formação histórica do sujeito gaúcho, também a propicia a estar constituindo o seu discurso e sua identidade, como sobrenome dos sujeitos gaúchos.

Desse modo, o discurso que remete à guerra só é possível se retomado pela memória, pela historicidade, possibilitando a constituição desse dizer em determinado momento (interdiscurso) (ORLANDI, 2015, p. 31). Essa memória discursiva remete à história do estado do RS, pois, desde de sua ocupação inicial, foi marcado pelas disputas militares, guerras e restauros diplomáticos, local de muitos conflitos nos finais dos séculos XVII até o século XIX (LUVIZOTTO, 2010). De acordo com Pêcheux (1983, p. 49), o interdiscurso que especifica as condições nas quais um acontecimento histórico é capaz de sofrer a inscrição no espaço coerente a essa memória.

Em seguimento, a próxima música campeã, edição do ano de 2002 do CCNRS, foi composta por Mauro Moraes e intitulada *Feito a carreto*⁵. De modo geral, a canção apresenta a vida em uma cidade fronteiriça, neste caso, Uruguiana, na fronteira oeste do estado do RS. Neste discurso, a convivência social está muito presente, principalmente na forma de tratamento entre sujeitos, o que é característico da identidade do gaúcho.

SD 6: “Meu compadre toca essa milonga nova feito negro véio
Meu compadre trova que o dedo de prosa anda mixuruca
Meu compadre abraços tocando pro gasto tá feito o carreto
Não tô nem aí não sou de me exhibir eu sou de Uruguiana

⁵ Expressão usada quando se conclui uma tarefa, qualquer que seja (FISCHER, 1999, p. 79).

O discurso presente nessa sequência remete ao companheirismo e proximidade entre sujeitos, como suas características. A denominação “*compadre*”, remete a uma relação de amizade estreita.

SD 7: “Meu compadre volta que a Santana velha ainda te espera
Meu compadre estive em Paso de los Libres chibiando um pouco
E me fiz de louco pra juntar uns troco e passar na aduana
Mortadela, queijo, azeite, papa doce e uns sacos de farinha”

A SD 7 tem discurso sobre o gaúcho nativista que apresenta, além do companheirismo, sua terra e o que a região de fronteira lhe exerce sobre o social e cultural, a manifestação das influências da língua espanhola na constituição do discurso, o que é característico da região de fronteira dos estado do RS. “Santana e Paso de los Libres” representam esse local, Santana é um bairro da cidade de Uruguaiana – RS, Paso de los Libres, a cidade da província de Corrientes – Argentina. A partir disso, compreendemos, no dizer deste sujeito, a presença da historicidade, a qual remete à relação histórica da colonização desta terra.

Desta maneira, a presente formulação discursiva coloca em funcionamento a ideologia do sujeito gaúcho, determinando a constituição de sua identidade, que é fortemente influenciada, neste caso, pela relação fronteiriça. Como percebemos, por exemplo, tanto na SD 7 como na próxima, SD 8, por meio das expressões: “*papa doce, buenas tardes e milongueiros*”. Com isso, o espaço de enunciação influencia na linguagem do sujeito nativista, constituindo sua ideologia. Isso também diz respeito ao modo como ele é atravessado por ela e pela história em seu discurso, pois, produzindo sentidos, ele se constitui como gaúcho vinculado neste espaço de fronteira.

Cabe aqui, também, estreitar a relação que há entre os gaúchos, tanto brasileiros como argentinos, de forma convergente, não como um debate sobre o pertencimento deste sujeito as suas matrizes, espanhola ou lusa, dessa maneira a língua espanhola marca a memória na língua, materializando-se (CHAGAS, 2011, p. 78).

SD 8: “Nosso buenas tardes teve o mesmo pátio a mesma cidade
Somos companheiros, somos milongueiros, somos regionais
Somos que nem peste da fronteira oeste como nossos pais”

Nessas formulações, como dito anteriormente, compreendemos que o discurso sobre o sujeito gaúcho é determinado pelas condições materiais que existem em seu

contexto, que prevalecem em seu discurso. Assim, há a identificação do sujeito em uma formação discursiva que podemos denominar, além de nativista, como fronteira, a qual o constitui, ou seja, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia dominante vinculada à fronteira e ao nativismo (PÊCHEUX, 1995), bem como afetado por influências sociais e culturais que atravessam o seu dizer. Desta maneira, a preservação da cultura gaúcha, manifestada no discurso sobre o gaúcho, permite a exaltação da sua tradição no seu dizer, que se constata na valorização de costumes e hábitos passados dos pais para os filhos, como neste exemplo, “*Somos que nem peste da fronteira oeste como nossos pais*”.

A letra dessa música permite-nos compreender a constituição do gaúcho de fronteira, o qual apresenta no seu discurso exaltação do seu espaço e da sua linguagem de fronteira. Assim, a existência do Portunhol configura o entrelaçamento das línguas portuguesa e espanhola. E, atribuindo este sentido, essa formação discursiva materializada na língua constitui um discurso mais específico, do sujeito gaúcho de fronteira (STURZA, 2019). Esse discurso, a partir de aspectos como seu espaço de enunciação e sua língua, diferencia o seu sujeito como um gaúcho distinto dos demais do estado do RS.

A última música vencedora do CCNRS a ser analisada, chama-se *Leilão de aperos*, pertencente à 41ª edição do festival, ano de 2019. Esta letra vincula-se a condições de produção em que o gaúcho se desfaz de um dos símbolos de ligação, tanto sentimental como material, à sua cultura e tradição. Isso ocorre em forma de leilão, com ofertas desses símbolos que são representados pelos *aperos*⁶, materiais usados como ornamentação na encilha de cavalos:

SD 9: “Sejam bem-vindos senhores, senhoras! Prazer em vê-los!
A oferta que hoje trago, são relíquias de um campero
Que com um aperto no bolso e outro no coração
Recorre a este leilão para vender seus aperos”

Desfazer-se de algo assim é como retirar de si uma parte de sua constituição. Por meio disso, o discurso traz consigo o peso da cultura gaúcha, como no seguinte exemplo, “*são relíquias de um campero*”, isso remete não somente aos bens materiais que serão ofertados, mas também ao que eles representam para o gaúcho. Assim, a

⁶ Arreios, preparos necessários para encilhar o animal. Essas partes servem para o governo, segurança e ornamento do cavalo (NUNES; NUNES, 2010).

constituição do imaginário sobre o gaúcho sustenta-se pelos símbolos materiais como seus pertences e também seu cavalo, como abordamos anteriormente na canção “*Florêncio Guerra e seu cavalo*”.

Observamos, a partir dessa textualidade, SD 9, quanto da próxima, SD 10, que o poder dos tempos modernos alinhado ao peso da idade recai sobre o gaúcho, de maneira que o obriga a se separar do que é necessário para seu trabalho no campo com seu cavalo.

SD 10: “Para o uso esses aperos não valem nenhum vintém
Mas é no valor da história o maior preço que tem
Só não se vende a coragem por nenhum lance e valor
Porque este é dos que nascem com a sina de domador”

O culto a elementos de ornamentação do cavalo, símbolos que constituem o imaginário do gaúcho nativista, nesse discurso, exemplificado nas SD 9 e 10, permite que, não somente nessa formulação discursiva, possamos relacionar as noções de rememorar/comemorar, segundo Venturini (2008, p. 30). Por meio desses conceitos, entendemos ser necessário que o valor empregado pelo sujeito gaúcho em relação a sua história e cultura já esteja antes institucionalizado, o qual ocorre na regularidade de exaltação de seu valor histórico como neste exemplo, “*Mas é no valor da história o maior preço que tem*”. Dessa maneira, o discurso constitui-se por meio dos sujeitos e sociedade, permitindo-nos compreender como é criado o imaginário em torno do sujeito gaúcho.

Ainda, compreendemos uma nova constituição do sujeito gaúcho a partir da interpretação desta letra, a qual sofre transformações impostas pela modernidade. Os símbolos significativos para a cultura gaúcha servem para rememorar o discurso sobre o passado deste sujeito.

A interpretação das sequências discursivas recortadas das músicas que representam o nativismo permitiu-nos, portanto, compreender os efeitos de sentido que remetem à história do gaúcho. Assim, o discurso que compõe as músicas campeãs exprimem o atravessamento do nativismo pelo o que é histórico na trajetória dos sujeitos e também através das influências da modernidade que permeiam a atual cultura gaúcha materializadas nas cinco campeãs analisadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa apresentou uma análise discursiva sobre a constituição do sujeito gaúcho nativista nas músicas campeãs do festival CCNRS. O discurso sobre o gaúcho nativista constitui-se através de elementos históricos que são retomados nas letras e, também, de influências contextuais que recaem sobre a sua formação social. Além disso, a vida no campo deste sujeito, ou aspirações dela, possibilita que, no imaginário do sujeito, isso seja remetido como um valor a ser evidenciado.

Quanto ao movimento nativista, por um lado, ele tem como premissa a exaltação dos costumes e valores do que é representativo para a cultura gaúcha; com isso, através da proposta do festival, há de se constatar como é retomado o valor histórico que formou esse povo nas composições desse gênero. Por outro lado, também o movimento dá espaço para o experimentalismo, quanto à criação musical, o que parece ser uma resposta ao tradicionalismo, o qual, em nosso entendimento, parece ter uma forma estanque para comportar as manifestações relacionadas à cultura gaúcha.

Através das sequências discursivas analisadas, os dizeres e saberes ressoam de modo a destacar a vida deste sujeito e os seus valores, os quais remetem ao que é institucionalizado para o nativismo, isso ocorre pelas regularidades linguísticas, ou seja repetições que permitem essa interpretação e que, para nós, possibilitam que o institucionalizado pela cultura gaúcha seja experimentado em realidade objetiva (VENTURNI, 2010).

Em conclusão, os temas presentes nas letras servem como parâmetros para a manutenção e preservação dessa cultura. Os discursos ressoam com grande intensidade em relação às noções de rememorar e comemorar (VENTURINI, 2010). Assim, ao rememorar, os sujeitos trazem em seu discurso o histórico da memória, cristalizando os seus sentidos. Dessa maneira, o que é concebido como sendo relativo à tradição do sujeito gaúcho, possui efeito de sentido que remete à sua condição sócio-histórica, a qual quer ser mantida e lembrada em seu imaginário.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R.; CAMARANO, A. A. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. **Revista Brasileira de Estudos da População**, Brasília (DF), v. 15, n. 2, 1998, p. 45-66.
- CHAGAS, Nédilã Espindola. **O discurso sobre o gaúcho**: uma análise enunciativa das músicas nativistas. 2011. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.
- CHIARELLI, José Luiz. Ensaio. In: DUARTE, Colmar Pereira; ALVES, José Édil de Lima. **Califórnia da canção nativa**: marco e mudança na cultura gaúcha. Porto Alegre: Movimento, 2001, p. 27-37.
- COUGO JUNIOR, Francisco. A historiografia da "musica gauchesca": apontamentos para uma história. **Contemporâneos**: Revista de artes e humanidades. v. 10, n. 2, maio, 2012, p. 01-23. Disponível em: <<https://www.revistacontemporaneos.com.br/n10.htm>>. Acesso em: 19 abr. 2020.
- FISCHER, Luís Augusto. **Dicionário de porto-alegrês**. 6. ed., Artes e Ofícios, 1999.
- HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da "análise automática do discurso" de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise *et al.* **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. cap. 1, p. 13-38.
- INDURSKY, Freda. Seminário de Estudos em Análise do Discurso (2.: 2005: Porto Alegre, RS) **Anais do II SEAD** - Seminário de Estudos em Análise do Discurso [recurso eletrônico] – Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <<http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead2.html>>. Acesso em: 26 out. 2019.
- LOPES, Cicero Galeno. Uma tentativa de esboço crítico nos trinta anos do Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul. In: DUARTE, Colmar Pereira. **Califórnia da canção nativa**: marco e mudança na cultura gaúcha. Porto Alegre: Movimento, 2001, p. 13-26.
- LUVIZOTTO, Carolina Kraus. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- MARQUES, Sabrina de Matos. Música nativista e seus festivais. **X Seminário da História da Arte**: do centro de Artes da UFPEL, Pelotas, RS. v. 1, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/14>>. Acesso em: 17 abr. 2020.
- NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. **Dicionário de regionalismo do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 10. ed. Campinas, SP – Pontes Editores, 2012.

_____. Análise de Discurso. In: ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.). **Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006, p. 11-31.

_____. **Discurso e Texto: formalização e circulação dos sentidos**. 4. ed. Pontes Editores, Campinas, SP. 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

_____, Michel. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1997. cap. 3, p. 61-161.

_____, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História do Rio Grande do Sul**. 9. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2014.

PETRI, Verli Fátima. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins**. 2004. 332 f. Tese (Doutorado) Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SANTI, Álvaro. **Canto livre?: o nativismo gaúcho e os poemas da Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul**. 1999. 288 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

STURZA, Eliana. Portunhol: língua, história e política. **Gragoatá**, Niterói, v.24, n. 48, p. 95-116, jan.-abr, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33621>>. Acesso em: 14 ago. 2020.

TEIXEIRA, Gujo; MARENCO, Luiz. **Quando o verso vem pras casas**. Caxias do Sul: Gravadora Vozes: 2005. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uaRc4k-Rxpo>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

VENTURINI, Maria Cleci. **Rememoração/comemoração: prática discursiva de constituição de um imaginário urbano**. 2008. 235 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

ANEXOS

ANEXO I

REGULAMENTO DA 41ª CALIFÓRNIA DA CANÇÃO NATIVA DO RS 05 A 07 DE DEZEMBRO DE 2019 URUGUAIANA-RS INSCRIÇÕES ATÉ: 22/11/2019

I - DOS OBJETIVOS:

Art. 1º - O Centro de Tradições Gaúchas Sinuelo do Pago com apoio da Prefeitura Municipal de Uruguaiana, promove a 41ª edição da Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul, com os seguintes objetivos básicos:

- a- Oportunizar a integração de poetas, músicos, musicistas, analistas, estudiosos e críticos no interesse da valorização, preservação e divulgação da identidade cultural gaúcha;
- b- Propiciar reflexão e debates que depurem qualitativamente a arte em geral, considerada como o mundo da representatividade - expressividade - comunicabilidade do universo gaúcho;
- c- Elevar a expressão artística, temas e gêneros (ritmos) regionais, buscando valorizar a música do Rio Grande do Sul em linguagem atual e criativa, respeitando as origens do gaúcho. Neste aspecto considera-se o ritmo "chamamé" aculturado e integrante do gênero musical do RGS.
- d- Premiar as composições que melhor expressem os objetivos referidos neste regulamento;
- e- Valorizar artistas que representem caracteristicamente a linguagem e a cultura rio-grandense;
- f- Divulgar a nível regional, nacional e internacional a cultura, a música e a poesia nativa do Rio Grande do Sul.

II - DO CONCURSO:

Art. 2º - O concurso de canções nativas do Rio Grande do Sul será realizado na cidade de Uruguaiana/RS nos dias 05, 06 e 07 de dezembro de 2019.

Art. 3º - As composições musicais apresentadas à seleção deverão ser representativas da cultura do Rio Grande do Sul.

§ único - Entende-se como tal a que evidencia temas da terra e da gente gaúcha, fundamentada em gêneros musicais regionais do Rio Grande do Sul.

Art. 4º - A Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul não seleciona composições com gêneros que não estejam integrados à cultura rio-grandense.

Art. 5º - A língua de expressão da letra é o português, respeitada a sintaxe e a fonética, preservadas as expressões regionais.

Art. 6º - Não serão classificadas canções que neguem os princípios e propósitos da Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul ou a permanência do gaúcho e sua cultura.

III – DA INSCRIÇÃO:

Art. 7º - Cada compositor em seu nome ou em parceria poderá inscrever até 03 (três) composições.

1-Art. 8º - Cada composição deverá ser enviada exclusivamente pelo e-mail **cdacancaonativa@gmail.com**

Poderão ser enviados no máximo 03 (três) trabalhos do mesmo autor/e ou parceria. Será aceita somente “uma” composição por “e-mail” enviado. No e-mail deverão constar 03 (três) arquivos.

- A) Uma cópia da letra-doc ou pdf
- B) A música gravada em arquivo mp3
- C) A ficha de inscrição preenchida e assinada-pdf

OBS: No caso de conter mais de uma composição ou faltar algum arquivo no e-mail, a inscrição será invalidada.

Art. 9º - É fixado em 04 (quatro) minutos o tempo máximo de duração de cada canção.

§ único: A critério da Comissão Julgadora poderá haver alguma tolerância.

Art. 10 - Somente poderão concorrer canções inéditas.

§ único – Considera-se inédita para o concurso a composição poético-musical que não tenha sido editada fonograficamente, literariamente ou ter sido produzida em escala comercial.

Art. 11 - Os trabalhos deverão ser enviados a partir de 21/10/2019, findando, o prazo, impreterivelmente, na data de **22/11/2019**. A/C da 41ª Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul.

§ 1º - A inscrição implicará na autorização para gravação e comercialização dos trabalhos gravados em discos, CDs e vídeos, reservados os direitos previstos em lei, bem como a edição, comercialização de partituras musicais, utilização das gravações e fotos das apresentações, como material de divulgação, sem ônus para o evento.

§ 2º - No dia 25/11/2019 a Comissão Organizadora divulgará a relação das 24 (vinte e quatro) músicas classificadas e as 04 (quatro) suplentes.

- 14 Regionais
- 10 Local

§ 3º - Em caso de letra ou melodia ser de autor falecido é exigida a autorização dos herdeiros e ou sucessores.

IV - DA SELEÇÃO:

Art. 12 - A Comissão Julgadora será composta de 05 (cinco) membros, de reconhecidos dotes para a criação poético-musical, análise ou crítica, e que se atenham às proposições deste regulamento.

§ único - Os trabalhos de triagem das canções serão coordenados pelos jurados do evento.

Art. 13 - A Comissão Julgadora escolherá 14 (quatorze) canções inscritas por autores regionais e 10 canções inscritas por autores locais, entre as demais inscritas.

§ 1º - Além das 24 (vinte e quatro) canções selecionadas serão escolhidas mais 04 (quatro) em ordem classificatória na condição de suplentes, 2 (duas) regionais e 2 (duas) locais.

Art. 14 – Os compositores e intérpretes das 24 (vinte e quatro) composições selecionadas terão até o dia 30/11/2019, para enviar as AUTORIZAÇÕES para publicação em CD/DVD, bem como sua divulgação em jornais, rádio, televisão e internet.

§ 1º - O não cumprimento do ca_put do presente artigo reserva o direito à Comissão Organizadora de não levar a canção à apreciação da Comissão Julgadora, sendo esta substituída pela composição subsequente na ordem de classificação da suplência.

§ 2º - As devidas AUTORIZAÇÕES deverão ter as assinaturas dos autores e intérpretes devidamente reconhecidas por tabelião. Uma vez descumprida essa norma, a Comissão Organizadora se reserva o direito de não incluir a canção para apreciação da Comissão Julgadora.

V - DA SUBVENÇÃO:

Art. 15 - Os autores ou responsáveis pelas 14 (quatorze) composições selecionadas de âmbito regional (fora de Uruguaiana) receberão, a título de cachê e pagamento dos direitos autorais e artísticos de seus executantes, o valor de R\$ 3.000,00 (três mil reais).

§ 1º – Os valores serão disponibilizados aos responsáveis pelo recebimento (devidamente indicado na Ficha de Inscrição) até a data da apresentação da composição.

§ 2º - Os autores ou responsáveis pelas 14 (quatorze) composições, regionais, selecionadas se responsabilizarão pelos custos de seus músicos e intérpretes, bem como despesas de hospedagem, transportes e alimentação.

Art. 16 - Os autores ou responsáveis das 10 (dez) composições locais não receberão ajuda de custo em sua seleção e sim o valor de R\$ 1.500,00 (um mil e quinhentos reais) na forma de subvenção, na classificação dentre as 04 (quatro) locais, na final de sábado.

§ único - Os autores ou responsáveis pela subvenção (devidamente indicados na Ficha de Inscrição) assumem o compromisso do repasse das parcelas correspondentes a direitos autorais e artísticos de suas composições.

Art. 17 - Os compositores perdem direito à subvenção, em parte ou em sua totalidade, nos seguintes casos:

a - Inobservância aos horários e condições estabelecidas para a passagem de som, apresentações e públicas

b - Inobservância ou desrespeito ao presente regulamento.

VI - DA APRESENTAÇÃO PÚBLICA

Art. 18 - A apresentação pública se dará em 03 (três) noites, sendo 02 (duas) em caráter eliminatório, e a terceira e última noite com a apresentação das finalistas.

Os músicos, antes da apresentação da música concorrente obrigatoriamente deverão apresentar 01 (uma) músicas em caráter gratuito, inseridas no contexto da Califórnia da Canção Nativa, no palco do Teatro Rosalina Panldolfo Lisboa.

§ Único – Com a exceção da segunda noite (sexta-feira, dia 06 – na classificatória das canções regionais) será apresentada 01 (uma) música de caráter gratuito, após a apresentação da música concorrente.

Art. 19 - Das 24 (vinte e quatro) composições que participarão do evento serão escolhidas, pela Comissão Julgadora, 12 (doze) para participarem da final, as quais concorrem à premiação constante deste regulamento.

§ único – Das 10 (dez) composições, de autores locais, residentes em Uruguaiana, apresentadas na primeira noite eliminatória, serão classificadas 04 (quatro) para a noite final e que serão divulgadas ao término das apresentações.

Das 14 (quatorze) composições, de autores regionais (fora de Uruguaiana) apresentadas na segunda noite eliminatória, serão classificadas 08 (oito) para a noite final e que serão divulgadas ao término das apresentações.

Art. 20 – Na apresentação da noite final, a Comissão Organizadora classificará as 03 (três) melhores canções que, receberão os troféus de: CALHANDRA DE OURO, CALHANDRA DE PRATA E CALHANDRA DE BRONZE.

§ Único : A Canção que ganhar a Calhandra de Ouro será reconhecida como CAMPEÃ DA CALIFÓRNIA.

Art. 21 - Fica limitada a participação de no máximo 02 (duas) composições por autor ou parceria, 02 (dois) por intérprete e 03 (três) por instrumentista, não sendo

permitidas trocas de integrantes. Salvo os casos excepcionais e aceita a justificativa por parte da Comissão Organizadora.

§ único – O número de integrantes deverá ser compatível com a necessidade da composição, devendo ser informado antecipadamente à Comissão Organizadora em data a ser estipulada.

Art. 22 - É vetado, e passível de desclassificação, o uso de propaganda política e/ou comercial sobre o palco da Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul.

VII –DO JULGAMENTO:

Art. 23 - O julgamento das composições é de responsabilidade da Comissão Julgadora que avaliará cada uma delas de acordo com sua letra e melodia.

§ 1º - No item apresentação são considerados interpretação e arranjo.

§ 2º - As escolhas são preferencialmente consensuais; no entanto, poderão os jurados optar pelo voto.

Art. 24 - É igualmente de competência da Comissão Julgadora a escolha do(a) melhor:

- a - intérprete;
- b - instrumentista;
- c - letra;
- d - melodia;

VIII –DA PREMIAÇÃO:

Art. 25 - Os prêmios instituídos em forma de troféus são os seguintes:

A – **A Calhandra de Ouro:** Troféu máximo do evento, trabalho do artista Paulo Ruschel e o valor de R\$ 10.000,00 (dez mil reais) menos impostos.

B – **A Calhandra de Prata:** Troféu Calhandra de Prata e o valor de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) menos impostos.

C – **A Calhandra de Bronze:** Troféu Calhandra de Bronze e o valor de R\$ 3.000,00 (três mil reais) menos impostos.

D – Troféu Cesar Passarinho: Criação do Artista plástico Ubirajara Raffo Constant, ao melhor intérprete, e o valor de R\$ 1.000,00 (um mil reais)

E – Troféu Aparício Silva Rillo; Criação de Rossini Rodrigues, ao autor da melhor letra e o valor de R\$ 1.000,00 (um mil reais)

F – Tela do artista Berega: para o autor da melhor melodia e o valor de R\$ 1.000,00 (Um mil reais)

G – Troféu Quero-Quero: para o melhor instrumentista mais o valor de R\$ 1.000,00 (um mil reais)

IX – DAS DISPOSIÇÕES GERAIS:

Art. 26 – O detentor da Calhandra de Ouro é responsável pela integridade do troféu até o momento do próximo concurso, ocasião em que fará a sua entrega e, simultaneamente, receberá uma réplica do troféu “alhandra de Ouro”.

Art. 27 – Ficam definitivamente cedidos à Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul os direitos de reprodução das canções concorrentes à edição ou reedição do CD e DVD correspondente ao evento que representam.

§1º - Os compositores ao inscreverem-se para concorrer na 41ª Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul estão implicitamente autorizando a entidade promotora a gravar as composições finalistas, ressalvados os direitos autorais de cada um junto à empresa gravadora.

§ 2º - A gravação do CD/DVD para registro e divulgação da 40ª Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul será feita por ocasião dos ensaios e das apresentações ao público.

Art. 28 - Os pagamentos dos valores previstos neste REGULAMENTO estão sujeitos à legislação tributária, e as alíquotas correspondentes serão retidas no ato do pagamento.

Art. 29 - Os compositores ao inscreverem-se para concorrer à 41ª Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul estão automaticamente aceitando, em sua totalidade, as determinações contidas neste REGULAMENTO.

Art. 30 - Os casos omissos não previstos neste REGULAMENTO serão resolvidos pela Comissão Organizadora ou conjuntamente com a Comissão Julgadora, conforme o caso.

Comissão Organizadora da 41ª Califórnia da Canção Nativa do RS

Contatos:

Ivoné Emilio Colpo (Coordenador do Evento)

Telefone: (55) 3412-6369 - WhatsApp: (55) 99988-7706

contaprocontabilidade@hotmail.com

Melissa Mello (Coordenadora Financeira)

WhatsApp: (55) 99935-8555

Pedro Braccini (Prefeitura Municipal)

WhatsApp: (55) 999.592.009

FICHA DE INSCRIÇÃO

Nome da composição: _____

Ritmo: _____

Autor da letra: _____

Pseudônimo: _____

Autor da letra: _____

Pseudônimo: _____

Autor da letra: _____

Pseudônimo: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Cep: _____

CPF: _____ RG: _____ Fone: _____

Autor da música: _____

Pseudônimo: _____

Autor da música: _____

Pseudônimo: _____

Autor da música: _____

Pseudônimo: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Cep: _____

CPF: _____ RG: _____ Fone: _____

Triagem local: Triagem geral:

Em caso de classificação, a composição será defendida nos palcos da 41ª Califórnia da Canção Nativa do RS por:

Credenciado a receber as subvenções e premiações:

Sr (a): _____

CPF: _____ RG: _____

DECLARO que as informações desta ficha são verdadeiras e que ao assiná-la, estamos aceitando as condições de participação/concorrência propostas no REGULAMENTO da 41ª Califórnia da Canção Nativa do RS.

_____, ____ de _____ de 2019.

Autor da Letra

Autor da Música

AUTORIZAÇÃO

Nome da composição:

AUTOR/INTÉRPRETE: _____

CPF: _____ RG: _____

ENDEREÇO: _____

CIDADE: _____ UF: _____

CEP: _____

TELEFONE: _____ CELULAR: _____

MAIL: _____

AUTORIZAMOS a Comissão Organizadora da 41ª Edição da Califórnia da Canção Nativa do RS; a promover a divulgação da composição supra em CD/DVD, jornais, rádio, televisão e internet, reservando-nos, contudo, os direitos autorais conforme previstos em lei.

_____, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do Autor/Intérprete

Obs.: Conforme prevê o art. 16, § 2º, do incluso REGULAMENTO, a presente AUTORIZAÇÃO deverá ter as assinaturas dos autores e intérpretes devidamente reconhecidas por Tabelião. Uma vez descumprida essa norma a Comissão Organizadora se reserva o direito de não incluir a canção para apreciação da Comissão Julgadora e subseqüentemente à sua apresentação pública.

ANEXO II

MÚSICAS SELECIONADAS

1ª Califórnia - 1971

Reflexão

Letra: Colmar Duarte

Melodia: Júlio Machado da Silva Filho

Interpretação: Cecília Machado e Os Marupiaras

Reflexão

(Júlio Machado da Silva Filho, Colmar P. Duarte)

Para fugir a tristeza
Por buscar esquecimento,
Desejei ser como o vento
Que vai passando sozinho,
Sem repisar um caminho
Sem conhecer paradeiro
Quis ser nuvem ao pampeiro
Ser a estrela que fulgiu,
Quis ser as águas do rio
Fazendo inveja às areias
Em seu eterno viajar!

Um dia cansei de andar
E desejei novamente
Em vez de rio ser barranca,
Em vez de vento, moirão,
Em vez de nuvem, semente,
Em vez de estrela, ser chão!
Recém então aprendi
Que muita gente maldiz
Sua sorte - insatisfeita
Por não saber que é feliz

E nunca mais invejei
O destino das estrelas,
Que só enfeitam a noite
Porque o sol não pode vê-las;
As nuvens que submissas,
Vão onde o vento as levar
E o vento que passa triste
Porque não pode voltar!

11ª Califórnia - 1981**Desgarrados****Letra: Sérgio Napp****Melodia: Mário Barbará Dornelles****Interpretação: Mário Barbará Dornelles****Desgarrados**

Eles se encontram no cais do porto pelas calçadas,
Fazem biscates pelos mercados, pelas esquinas,
Carregam lixo vendem revistas, juntam baganas,
E são pingentes nas avenidas da capital.

Eles se escondem pelos botecos entre os cortiços,
E pra esquecerem contam bravatas, velhas histórias.
Então são tragos muitos estragos por toda noite,
Olhos abertos o longe é perto, o que vale é o sonho.

Sopram ventos desgarrados carregados de saudade,
Viram copos, viram mundos,
Mas o que foi, nunca mais será
Mas o que foi, nunca mais será.

Cevavam mate, sorriso franco, palheiro aceso,
Viravam brasas, contavam casos polindo esporas,
Geada fria, café bem quente, muito alvoroço.
Arreios firmes e nos pescoços lenços vermelhos.

Jogo do osso, cana de espera e o pão de forno,
O milho assado, a carne gorda e a cancha reta,
Faziam planos e nem sabiam que eram felizes,
Olhos abertos o longe é perto o que vale é os sonhos.

Sopram ventos desgarrados carregados de saudade,
Viram copos, viram mundos,
Mas o que foi, nunca mais será
Mas o que foi, nunca mais será.

Jogo do osso, cana de espera e o pão de forno,
O milho assado, a carne gorda e a cancha reta,
Faziam planos e nem sabiam que eram felizes,
Olhos abertos o longe é perto o que vale é os sonhos.

Sopram ventos desgarrados carregados de saudade,
Viram copos, viram mundos,
Mas o que foi, nunca mais será
Mas o que foi, nunca mais será.

21ª Califórnia - 1991

Florêncio Guerra e seu Cavalo

Letra: Mauro Ferreira

Melodia: Luiz Carlos Borges

Interpretação: João de Almeida Neto

Florêncio Guerra e Seu Cavalo

(Florêncio afiou a faca para sangrar seu cavalo
Florêncio afiou a faca para sangrar seu cavalo
Florêncio afiou a faca para sangrar seu cavalo)

Florêncio guerra das guerras do tempo em que seu cavalo
Pisava estrelas nas serras pra chegar antes dos galos
Florêncio afiou a faca pensando no seu cavalo
Florêncio afiou a faca pensando no seu cavalo

Parceiros pelas lonjuras na calma das campereadas
Um barco em tardes serenas um tigre numa porteira
Pechando boi pelas primaveras sem mango sem nazarenas

O patrão disse a Florêncio que desse um fim no matungo
Quem já não serve pra nada não merece andar no mundo
A frase afundou no peito e o velho não disse nada
E foi afiar uma faca como quem pega uma estrada

Acharam Florêncio morto por cima do seu cavalo
Alguém que andava no campo viu o centauro sangrado
Caídos no mesmo barro voltando pra mesma terra
Que deve tanto ao cavalo e tanto a Florêncio Guerra

31ª Califórnia - 2002**Feito o Carreto****Letra: Mauro Moraes****Melodia: Mauro Moraes****Interpretação: Pirisca Grecco****Feito o Carreto**

Meu compadre toca essa milonga nova feito negro véio
Meu compadre trova que o dedo de prosa anda mixuruca
Meu compadre abraços tocando pro gasto tá feito o carreto
Não tô nem aí não sou de me exhibir eu sou de uruguaiana

Meu compadre volta que a Santana velha ainda te espera
Meu compadre estive em Paso de los Libres chibiando um pouco
E me fiz de louco pra juntar uns troco e passar na aduana
Mortadela, queijo, azeite, papa doce e uns sacos de farinha

Meu compadre eu posso milongueando uns troços te alcançar um mate
Nosso buenas tardes teve o mesmo pátio a mesma cidade
Somos companheiros, somos milongueiros, somos regionais
Somos que nem peste da fronteira oeste como nossos pais

E não há mal que sempre dure
E não há bem que nunca acabe

Ah! seu tocador de rádio
Eu queria tanto mandar esse recado
Para o meu compadre
Que está aquerenciado
Na alma do meu violão

41ª Califórnia - 2019**Leilão de aperos****Letra: Flávio Saldanha****Melodia: Nilton Ferreira****Interpretação: Nilton Ferreira****Leilão de aperos**

Sejam bem vindos senhores, senhoras, prazer em vê-los
A oferta que hoje trago, são relíquias de um campero
que com um aperto no bolso e outro no coração
Recorre a este leilão para vender seus aperos

Quanto vale as esporas com duas estrelas rotas
Um freio desbarbelado, que não segura uma boca
Um par de loros e estribos, que o caso é necessidade
Pois não se vende uma vida pelo valor da metade

Quanto pagam neste laço, respeito de touro alçado
Argola soltando a ilhapa e os tentos arremalhados
Façam as suas ofertas com lances de seu agrado
Paga mais quem valoriza, sentimentos do passado

Para o uso esses aperos não valem nenhum vintém
Mas é no valor da história o maior preço que tem
Só não se vende a coragem por nenhum lance e valor
Porque este é dos que nascem com a sina de domador

E neste bocal de couro, que sustentou domadores
Maneador, cabresto e mango quanto me pagam, senhores
Pra quem der valor maior vendo o basto e a corona
Quem compra, quem compra leva de ilhapa os feitos brutos da doma